



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SERTÃO PERNAMBUCANO
CAMPUS PETROLINA ZONA RURAL

CURSO DE BACHARELADO EM AGRONOMIA

**ANÁLISE DO MERCADO DA VITICULTURA TROPICAL: UM ESTUDO
SOBRE O VALE DO SÃO FRANCISCO (2015–2024)**

Raianne Cardoso Felix

PETROLINA – PE
2025

RAIANNE CARDOSO FELIX

**ANÁLISE DO MERCADO DA VITICULTURA TROPICAL: UM
ESTUDO SOBRE O VALE DO SÃO FRANCISCO (2015–2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao IF Sertão PE *Campus*
Petrolina Zona Rural, exigido para a
obtenção do título de Engenheiro
Agrônomo.

Orientador: Prof.M.Sc. Manoel Pedro da Costa Noronha Júnior

PETROLINA – PE
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F316 Felix, Raianne Cardoso.

Análise do mercado da viticultura tropical: um estudo sobre o vale do São Francisco (2015–2024) / Raianne Cardoso Felix. - Petrolina, 2025.
40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agronomia) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural, 2025.

Orientação: Prof. Msc. Manoel Pedro da Costa Noronha Júnior.

1. Economia agrícola - Agronegócio. 2. Viticultura. 3. Vale do São Francisco. 4. Mercado. I. Título.


CDD 338.1

RAIANNE CARDOSO FELIX


**ANÁLISE DO MERCADO DA VITICULTURA TROPICAL: UM ESTUDO
SOBRE O VALE DO SÃO FRANCISCO (2015–2024)**

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado ao IFSertãoPE *Campus*
Petrolina Zona Rural, exigido para a obtenção
de título de Engenheiro Agrônomo.


Aprovada em: 03 de DEZEMBRO de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **MANOEL PEDRO DA COSTA NORONHA JÚNIOR**
Data: 18/12/2025 16:39:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. MSc Manoel Pedro da Costa Noronha Júnior
IFSertãoPE, Campus Petrolina Zona Rural

Documento assinado digitalmente
 **ALINE ROCHA**
Data: 18/12/2025 17:04:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Aline Rocha
IFSertãoPE, Campus Petrolina Zona Rural

Documento assinado digitalmente
 **ADELMO CARVALHO SANTANA**
Data: 18/12/2025 17:59:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. MSc. Adeldo Carvalho Santana
IFSertãoPE, Campus Petrolina Zona Rural

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos docentes e discentes que, com incentivo, orientação e compreensão, contribuíram para a realização desta trajetória acadêmica.

Agradeço especialmente ao meu filho, meu maior motivo e inspiração, que mesmo diante da distância e das dificuldades me motivou a persistir.

Dedico também a mim mesma, por enfrentar os desafios impostos pela doença e pela distância da instituição de ensino, transformando obstáculos em aprendizado, resiliência e superação.

**“Aquele que habita no
esconderijo do Altíssimo descansará
à sombra do Todo-Poderoso.
Nenhum mal o atingirá, e sob suas
asas encontrará refúgio, pois a
fidelidade do Senhor será seu escudo
e proteção.” (Salmo 91:1,4,10)**

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de força, sabedoria e perseverança, por me conduzir mesmo nos momentos mais desafiadores e me permitir alcançar mais esta conquista.

Registro minha profunda gratidão aos meus docentes, pela orientação, paciência e dedicação, e aos colegas de curso, pelo apoio, incentivo e companheirismo ao longo desta jornada.

Agradeço de maneira especial ao meu filho, meu maior motivo e inspiração, que, mesmo diante da distância e das dificuldades, me motivou a seguir adiante e a acreditar que seria possível superar todos os obstáculos.

Por fim, agradeço a mim mesma, por enfrentar com coragem os desafios impostos pela doença e pela distância da instituição de ensino, transformando cada dificuldade em aprendizado, resiliência e crescimento

**“A única maneira de fazer um
excelente trabalho é amar o que
você faz.” – Steve Jobs**

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisou a evolução produtiva, econômica e tecnológica da viticultura tropical no Submédio do Vale do São Francisco entre 2015 e 2024, destacando os fatores estruturantes que sustentam sua competitividade no cenário nacional e internacional. A pesquisa caracteriza-se como descritiva e exploratória, baseada exclusivamente em dados secundários obtidos em fontes institucionais, como IBGE/SIDRA, EMBRAPA, CEPEA, ComexStat, Abrafrutas e Valexport. Foram avaliados indicadores de produção, produtividade, área plantada, preços internos e externos, exportações e participação das uvas sem sementes no mercado brasileiro. Os resultados evidenciam que o Vale do São Francisco consolidou-se como o principal polo produtor e exportador de uvas do Brasil, respondendo por mais de 95% das exportações nacionais, impulsionado por sistemas de irrigação de alta eficiência, fertirrigação, manejo pós-colheita aprimorado e forte integração cooperativa. Observou-se aumento consistente da produtividade regional, expansão da área plantada, valorização das exportações e crescimento da demanda por uvas sem sementes. Apesar disso, persistem desafios, como custos elevados de produção, dependência cambial, exigências socioambientais e impactos das mudanças climáticas. Conclui-se que a viticultura do Vale do São Francisco representa um modelo consolidado de modernização agrícola tropical, capaz de integrar tecnologia, eficiência produtiva e organização coletiva, contribuindo para o desenvolvimento econômico regional e para a inserção do Brasil no mercado internacional de frutas de alto valor agregado.

Palavras-chave: viticultura tropical; Vale do São Francisco; mercado; exportações; produtividade.

ABSTRACT

This study analyzed the productive, economic, and technological evolution of tropical viticulture in the Sub-Middle São Francisco Valley between 2015 and 2024, emphasizing the structural factors that sustain its competitiveness in national and international markets. The research is descriptive and exploratory, based exclusively on secondary data from institutional sources such as IBGE/SIDRA, EMBRAPA, CEPEA, ComexStat, Abrafrutas, and Valexport. Indicators related to production, productivity, planted area, domestic and export prices, foreign trade performance, and the market share of seedless grapes were evaluated. The results show that the São Francisco Valley has consolidated itself as Brazil's leading grape-producing and exporting region, accounting for more than 95% of national exports. This performance is driven by highly efficient irrigation systems, fertigation, advanced post-harvest management, and strong cooperative governance. The study identified consistent productivity gains, expansion of planted area, increasing export value, and growing domestic demand for seedless grapes. Nevertheless, challenges remain, including high production costs, exchange rate volatility, stringent socioenvironmental requirements, and climate change effects. It is concluded that viticulture in the São Francisco Valley represents a consolidated model of tropical agricultural modernization, integrating technology, productive efficiency, and collective organization, thereby strengthening regional development and enhancing Brazil's position in high-value fruit markets.

Keywords: tropical viticulture; São Francisco Valley; market; exports; productivity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- **ABRAFRUTAS** – Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados
- **CEPEA** – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
- **EMBRAPA** – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- **FAO** – Food and Agriculture Organization
- **IF Sertão-PE** – Instituto Federal do Sertão Pernambucano
- **ODS** – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
- **R\$/kg** – Real por quilograma
- **US\$/kg** – Dólar americano por quilograma
- **VALEXPORT** – Associação dos Produtores e Exportadores do Vale do São Francisco

LISTA DE GRÁFICO

- **GRÁFICO 1** – Evolução da produção nacional de uvas x produção do Vale do São Francisco (2017–2024)
- **GRÁFICO 2** – Exportações brasileiras de uvas frescas (2017–2024)
- **GRÁFICO 3** – Preços médios da uva: mercado interno x exportação (2017–2024)
- **GRÁFICO 4** – Participação das uvas sem sementes no mercado interno brasileiro (2017–2024)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	13
2.1	Objetivo geral	13
2.2	Objetivos específicos	13
3	REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1	A viticultura no contexto brasileiro	14
3.2	Viticultura tropical e tecnologia de irrigação	14
3.3	O papel das cooperativas na cadeia produtiva da uva	15
3.4	O mercado internacional de uvas e a competitividade brasileira	16
3.5	Sustentabilidade e desafios da viticultura regional	16
4	MATERIAL E MÉTODOS	18
4.1	Área de Estudo	18
4.2	Fontes de Dados	19
4.3	Indicadores Avaliados	20
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
5.1	Inovação produtiva e tecnológica	21
5.2	Vantagens das exportações	22
5.3	Papel das cooperativas	22
5.4	Desafios e oportunidades	23
5.5	Produção Nacional x Vale do São Francisco (2017–2024)	23
5.6	Exportações Brasileiras de Uvas (2017–2024)	27
5.7	Preços Médios: Mercado Interno x Exportação (2017–2024)	28
5.8	Mudança no Perfil de Consumo: Uvas Sem Sementes (2017–2024)	29
5.9	Condicionantes estratégicos e perspectivas para o futuro da viticultura no Brasil	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A viticultura irrigada no Submédio do Vale do São Francisco consolidou-se como um dos pilares mais expressivos da fruticultura brasileira. Graças à combinação entre condições climáticas tropicais, tecnologias de irrigação de precisão e manejo altamente tecnificado, a região se tornou capaz de produzir duas a três colheitas de uva por ano, o que lhe confere singularidade mundial. Esse diferencial possibilita não apenas o abastecimento regular do mercado interno, mas também a manutenção de contratos internacionais, em um cenário em que a previsibilidade de oferta é fator essencial de competitividade.

Atualmente, o Vale do São Francisco é responsável por mais de 95% das exportações nacionais de uvas de mesa, consolidando-se como centro estratégico do comércio exterior brasileiro. Os principais destinos dessas exportações incluem Estados Unidos (44,46%), Holanda (24,79%), Reino Unido (16,53%) e Espanha (5,61%), o que revela tanto a capacidade de inserção em mercados exigentes quanto a diversificação de parceiros comerciais. A vantagem da exportação para o setor não se limita ao incremento de divisas, ela garante maior valorização do produto, promove a padronização de qualidade exigida internacionalmente e fortalece a imagem da uva brasileira no exterior.

Além do impacto econômico, a atividade desempenha um papel social relevante, por meio da geração de empregos diretos e indiretos, da fixação da população no campo e da inclusão produtiva de pequenos agricultores, especialmente quando organizados em cooperativas. Essas organizações têm atuado como elo estratégico na cadeia, possibilitando acesso coletivo a tecnologias, insumos, capacitações e, sobretudo, ao mercado externo, que exige volumes expressivos e regularidade de oferta. Assim, as cooperativas não apenas ampliam a competitividade dos pequenos produtores, mas também contribuem para a sustentabilidade e a equidade social da viticultura regional.

Apesar dos avanços, a cadeia produtiva enfrenta desafios crescentes, como a elevação nos custos de insumos e mão de obra, a volatilidade cambial que afeta a receita em exportações, as exigências fitossanitárias internacionais cada vez mais rigorosas e os impactos das mudanças climáticas, que afetam a estabilidade da produção. Nesse cenário, a análise do panorama recente da cadeia produtiva da uva

é fundamental para compreender não apenas seus avanços, mas também as ameaças e oportunidades que moldarão seu futuro.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar o mercado da viticultura tropical no Submédio do Vale do São Francisco, no período de 2015 a 2024.

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a evolução da produção, produtividade e área destinada à colheita e/ou plantada;
- Compreender os indicativos do desempenho das exportações brasileiras de uvas, considerando volume, valor agregado, destinos prioritários e participação do Submédio do Vale do São Francisco, com atenção às tendências globais de consumo, especialmente das uvas sem sementes.
- Identificar e discutir os principais desafios e perspectivas para a cadeia da viticultura no Brasil e no vale do São Francisco.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A viticultura no contexto brasileiro

A viticultura ocupa um papel de destaque na fruticultura nacional, tanto pela sua importância econômica quanto pelo potencial de inserção no mercado internacional. Segundo a Embrapa Uva e Vinho (2023), o Brasil possui uma área cultivada de aproximadamente 78 mil hectares, concentrando a produção de uvas destinadas tanto ao consumo in natura quanto à fabricação de vinhos, sucos e derivados. Entre as regiões produtoras, o Submédio do Vale do São Francisco destaca-se por sua singularidade climática e tecnológica, permitindo colheitas contínuas ao longo do ano — uma vantagem competitiva em relação a outros polos produtores do país.

Diferentemente das regiões Sul e Sudeste, onde a produção é fortemente dependente das condições climáticas temperadas, o Vale do São Francisco apresenta um sistema produtivo tropical irrigado, que combina altas temperaturas, luminosidade intensa e controle hídrico rigoroso. Essa combinação viabiliza duas a três safras anuais, ampliando a capacidade de oferta e possibilitando o atendimento regular aos mercados interno e externo (EMBRAPA, 2023).

3.2 Viticultura tropical e tecnologia de irrigação

O desenvolvimento da viticultura no Vale do São Francisco está intrinsecamente ligado ao avanço das tecnologias de irrigação e manejo agrônomo. O uso da fertirrigação, aliado ao controle biológico de pragas e à introdução de variedades adaptadas ao clima semiárido, possibilitou a produção de uvas de alta qualidade e elevado valor comercial (SILVA et al., 2021).

De acordo com Medeiros e Lima (2022), o sistema de irrigação pressurizada — principalmente por gotejamento — permitiu a racionalização do uso da água e o aumento da eficiência produtiva, enquanto o manejo nutricional e o controle

fitossanitário garantem a padronização e qualidade exigidas pelo mercado internacional. Essa estrutura tecnológica faz do Vale um modelo de viticultura tropical irrigada, estudado e replicado por países com condições climáticas semelhantes.

Além disso, o desenvolvimento tecnológico foi potencializado pela parceria entre instituições de pesquisa (como a Embrapa e o IF Sertão-PE) e o setor privado, gerando inovações em melhoramento genético, manejo pós-colheita e rastreabilidade de produção (VALEXPORT, 2022).

3.3 O papel das cooperativas na cadeia produtiva da uva

O cooperativismo tem sido um pilar estratégico da organização produtiva no Vale do São Francisco, promovendo inclusão socioeconômica, redução de custos e ampliação do acesso a mercados internacionais. As cooperativas regionais — como a Coana, CAJ, Unicoop e Coopervale — desempenham papel fundamental na padronização da produção, obtenção de certificações de qualidade (GlobalG.A.P., Fair Trade) e na negociação coletiva com distribuidores internacionais (ABRAFRUTAS, 2023).

Segundo Pereira e Souza (2021), as cooperativas atuam como intermediárias entre pequenos produtores e grandes exportadores, permitindo ganhos de escala e competitividade. Elas também são responsáveis por capacitações técnicas e pelo acesso a insumos de forma compartilhada, o que contribui para a sustentabilidade social e econômica da cadeia.

A articulação cooperativa também é determinante para o fortalecimento das práticas de agricultura sustentável, pois permite o cumprimento de exigências ambientais e trabalhistas cada vez mais rigorosas impostas pelos países importadores. Assim, o cooperativismo configura-se não apenas como instrumento econômico, mas também como um mecanismo de governança e inclusão produtiva.

3.4 O mercado internacional de uvas e a competitividade brasileira

O mercado mundial de uvas de mesa é altamente competitivo, sendo dominado por países como Chile, Peru, Itália, Espanha e África do Sul. Entre eles, Chile e Peru destacam-se como os principais concorrentes diretos do Brasil na América do Sul, devido à sua proximidade logística com os mercados da América do Norte e Europa e aos acordos comerciais que reduzem tarifas de exportação (FAO, 2022).

Entretanto, o Vale do São Francisco apresenta vantagens comparativas relevantes, como a produção em contra-safra em relação ao Hemisfério Norte e a possibilidade de abastecimento regular durante todo o ano, o que assegura nichos de mercado em períodos de escassez global. Essa vantagem estratégica é reforçada pelo elevado padrão de qualidade das uvas brasileiras, especialmente das variedades sem sementes, que atendem às preferências dos consumidores europeus e norte-americanos (CEPEA, 2023).

Conforme a ComexStat (2024), entre os principais destinos das uvas exportadas pelo Brasil estão os Estados Unidos (44,4%), Holanda (24,7%), Reino Unido (16,5%) e Espanha (5,6%), o que demonstra a diversificação de mercados e a consolidação do Vale como polo exportador de relevância internacional.

3.5 Sustentabilidade e desafios da viticultura regional

Nos últimos anos, a sustentabilidade ambiental e social tornou-se um eixo central na competitividade agrícola global. O setor viticultura do Vale do São Francisco vem incorporando práticas voltadas à gestão racional da água, ao reaproveitamento de resíduos agrícolas e à adoção de bioinsumos como alternativa aos defensivos químicos convencionais (SILVA et al., 2023).

Essas práticas se alinham aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela ONU, especialmente no que se refere ao uso eficiente dos recursos naturais, à promoção do trabalho decente e ao fortalecimento das economias locais. Entretanto, persistem desafios significativos. Entre eles, destacam-se a elevação dos custos de produção, a dependência de insumos importados, a

volatilidade cambial, a falta de políticas públicas específicas para o setor e os impactos das mudanças climáticas, que afetam o ciclo produtivo e a qualidade das uvas. Tais fatores exigem planejamento estratégico e inovação contínua para que o Vale mantenha sua competitividade no cenário global.

4. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem mista (quantitativa e qualitativa), fundamentada exclusivamente em dados secundários provenientes de bases institucionais e científicas reconhecidas nacional e internacionalmente. Essa estratégia metodológica foi adotada com o propósito de analisar e interpretar o comportamento produtivo, econômico e organizacional da cadeia da uva no Submédio do Vale do São Francisco, no período de 2015 a 2024, a partir de informações consolidadas e de domínio público.

A abordagem quantitativa permitiu a mensuração de indicadores de produção, produtividade, preços e exportações, possibilitando uma avaliação objetiva e comparativa do desempenho do setor. Paralelamente, a dimensão qualitativa proporcionou a interpretação das transformações estruturais, tecnológicas e socioeconômicas que influenciaram a competitividade da viticultura regional, correlacionando os dados estatísticos aos aspectos territoriais e de governança da cadeia produtiva.

O recorte temporal de 2015 a 2024 foi definido por abranger uma fase de transição e consolidação da viticultura tropical brasileira, marcada por variações econômicas e tecnológicas relevantes, como o aumento dos custos de insumos agrícolas, os impactos da pandemia de COVID-19 sobre a logística de exportação, a retomada do crescimento setorial a partir de 2022 e o avanço de práticas sustentáveis e inovações varietais, especialmente no cultivo de uvas sem sementes.

4.1 Área de Estudo

A pesquisa foi desenvolvida na região do Submédio do Vale do São Francisco, localizada entre os estados de Pernambuco e Bahia, com ênfase nos municípios de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) — reconhecidos como o principal polo de fruticultura irrigada do Brasil e responsáveis por cerca de 95% das exportações nacionais de uvas de mesa (EMBRAPA, 2023).

O clima semiárido tropical da região é caracterizado por altas temperaturas médias anuais (26 °C a 28 °C), baixa pluviosidade (inferior a 500 mm/ano) e elevada insolação (superior a 3.000 horas anuais). Essas condições são compensadas pela irrigação controlada proveniente do Rio São Francisco, que garante a viabilidade e a constância produtiva.

A viticultura regional distingue-se por sua alta produtividade e pela possibilidade de até três colheitas anuais, um diferencial que posiciona o Vale do São Francisco como referência mundial em viticultura tropical (FAO, 2022).

4.2 Fontes de Dados

Os dados analisados foram obtidos exclusivamente de fontes secundárias oficiais, relatórios técnicos e publicações científicas, assegurando rigor metodológico, validade e reprodutibilidade científica. As principais fontes consultadas incluem:

- SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática – Produção Agrícola Municipal;
- EMBRAPA Semiárido – Observatório da Uva: séries históricas de produção, produtividade e custo médio de cultivo no Vale do São Francisco;
- CEPEA/USP – Hortifruti Brasil: monitoramento de preços médios no mercado interno, diferenciados por tipo e categoria comercial;
- ComexStat (Ministério da Economia): base governamental de estatísticas de comércio exterior, utilizada para levantamento de volume, valor e destino das exportações brasileiras de uvas frescas;
- ABRAFRUTAS e VALEXPORT: relatórios anuais e boletins técnicos sobre exportações, associativismo, certificações e competitividade do setor;
- Literatura científica especializada: artigos e relatórios institucionais

A triangulação dos dados entre essas diferentes fontes possibilitou uma análise comparativa e integrada, minimizando vieses e fortalecendo a consistência dos resultados.

4.3 Indicadores Avaliados

Os indicadores selecionados contemplam variáveis técnicas, econômicas e mercadológicas consideradas essenciais para mensurar a performance e a competitividade da cadeia produtiva da uva:

- Produção anual em toneladas
- Produtividade média (kg/ha);
- Área plantada e/ou destinada à colheita;
- Preços médios internos (R\$/kg) e externos (US\$/kg);
- Volume e valor das exportações (t e US\$);
- Participação percentual do Vale do São Francisco nas exportações nacionais;
- Principais destinos das exportações e variações cambiais;
- Participação das uvas sem sementes no mercado interno.

Os dados organizados permitiram a construção de séries temporais e gráficos comparativos (2015–2024). Os resultados foram interpretados à luz de análises descritivas e qualitativas integradas, relacionando o desempenho produtivo e econômico às transformações na cadeia produtiva da viticultura brasileira.

A opção por trabalhar com dados secundários de abrangência nacional e regional justifica-se pela disponibilidade, amplitude e confiabilidade das bases institucionais consultadas, amplamente utilizadas em estudos econômicos e de mercado. Essa estratégia metodológica assegura representatividade estatística e validade científica, permitindo compreender as tendências e desafios da viticultura irrigada do Submédio do Vale do São Francisco em um contexto global.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados evidencia que a viticultura no Vale do São Francisco evoluiu de uma atividade regionalizada para um cluster agroexportador altamente integrado, no qual a interação entre pesquisa, produtores e mercado externo sustenta a competitividade regional.

5.1 Inovação produtiva e tecnológica

O avanço tecnológico, incluindo colheitas múltiplas por ano, fertirrigação, controle biológico de pragas e manejo pós-colheita, assegura padronização de qualidade e regularidade na oferta. Essa constância é determinante para a manutenção de contratos internacionais em mercados exigentes, como os Estados Unidos e a União Europeia. Além dessas práticas, o uso de reguladores vegetais e o manejo adequado da radiação solar/horas-luz são pilares fundamentais na viticultura do Vale do São Francisco. Reguladores como giberelinas, tidiazuron e outros bioestimulantes são amplamente utilizados para modular brotação, aumentar o tamanho de bagas, uniformizar o enchimento de cachos, melhorar a coloração e ampliar a vida de prateleira, permitindo que os frutos atendam aos padrões específicos dos mercados importadores.

A elevada disponibilidade de horas-luz na região — frequentemente superando os valores mínimos necessários para videiras de mesa — favorece o desenvolvimento vegetativo, a fotossíntese, a maturação e a concentração de açúcares, possibilitando ciclos mais curtos e a realização de duas a três safras anuais, algo inviável em regiões de clima temperado. Essa combinação entre alta radiação solar, manejo hídrico controlado e técnicas modernas de produção garante regularidade e qualidade constantes ao longo do ano, elementos estratégicos para a competitividade regional. Outro componente essencial da inovação tecnológica é o manejo da quebra de dormência. Por estar localizada em um ambiente tropical semiárido, a região não fornece horas de frio suficientes para que as videiras superem naturalmente a dormência fisiológica. Dessa forma, substâncias como cianamida hidrogenada (CH),

óleos minerais e indutores metabólicos são empregadas para uniformizar a brotação e sincronizar o início do ciclo produtivo. A quebra de dormência induzida permite que as podas sejam programadas em diferentes momentos do ano, garantindo previsibilidade produtiva, redução de falhas de brotação, maior formação de ramos férteis e, conseqüentemente, maior percentual de cachos comerciais. A adoção desses reguladores, em conjunto com o manejo das horas-luz e demais inovações produtivas, sustenta a capacidade do Vale do São Francisco de ofertar uvas de alta qualidade de forma contínua e com elevada competitividade no mercado global.

5.2 Vantagens das exportações

A exportação de uvas proporciona benefícios estratégicos e econômicos:

- Valorização do preço, com remuneração superior à média do mercado interno;
- Geração de divisas internacionais, fortalecendo a economia regional;
- Fortalecimento da marca Brasil, associando fruticultura irrigada à inovação e qualidade;
- Redução da dependência do mercado interno, frequentemente sujeito a volatilidade de preço e consumo.

5.3 Papel das cooperativas

As cooperativas desempenham papel essencial na competitividade dos pequenos produtores, viabilizando:

- Escala de produção, reunindo volumes suficientes para exportação;
- Negociação conjunta, garantindo melhores preços e condições comerciais;
- Acesso a insumos e tecnologia, reduzindo custos individuais;
- Capacitação técnica, por meio de treinamentos coletivos;

- Certificação de qualidade, essencial para mercados internacionais.

Essa dinâmica cooperativa contribui tanto para a equidade social quanto para a sustentabilidade econômica da cadeia produtiva.

5.4 Desafios e oportunidades

Entre os desafios destacam-se: elevação dos custos de insumos importados, exigências de certificações socioambientais e vulnerabilidade às mudanças climáticas. Entretanto, surgem oportunidades em nichos como uvas sem sementes, que já representam mais de 60% do consumo nacional, e em práticas sustentáveis, capazes de gerar diferenciação competitiva no mercado internacional.

5.5 Produção Nacional x Vale do São Francisco (2015–2024)

De acordo com a tabela 1, a produção brasileira de uvas apresentou oscilações ao longo da série histórica, influenciada por fatores climáticos e econômicos. O volume nacional passou de 1.497.302 toneladas em 2015 para 1.820.104 toneladas em 2024. Entretanto, registraram-se quedas expressivas nos anos de 2019 e 2020, decorrentes sobretudo de estiagens e geadas na Região Sul.

Enquanto isso, o Nordeste demonstrou crescimento contínuo, impulsionado pela produção do Vale do São Francisco. A região passou de 318.079 toneladas para 868.767 toneladas, praticamente triplicando sua produção. Petrolina (PE), por exemplo, cresceu de 162.448 toneladas em 2015 para mais de 600 mil toneladas em 2024, consolidando-se como o maior polo produtor de uvas de mesa do país. Assim, o Vale compensou perdas do Sul em anos adversos e assumiu o protagonismo na expansão da viticultura nacional.

TABELA 1 – Produção de uva no Brasil em toneladas – 2015 a 2024.

RANKING	Brasil, Grande Região, Unidade da Federação e Município	Ano									
		2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
1	Brasil	1.497.302	1.113.345	1.743.430	1.592.031	1.485.806	1.435.538	1.748.206	1.450.738	1.836.646	1.820.104
2	Nordeste	318.079	449.429	509.485	490.061	531.273	409.142	494.536	416.759	649.553	868.767
3	Sul	1.014.368	502.548	1.078.611	938.998	779.903	849.920	1.056.994	843.064	1.006.801	765.372
4	Pernambuco	237.367	368.441	449.383	426.392	456.080	349.757	420.501	338.206	573.894	755.266
5	Rio Grande do Sul	876.215	413.735	956.887	823.698	667.239	735.342	951.254	734.982	904.794	686.651
6	Petrolina (PE)	162.448	264.110	336.400	333.750	346.500	274.730	312.500	236.500	439.246	610.739
7	Sudeste	157.674	154.604	150.716	157.218	169.383	171.980	191.920	186.063	175.700	181.063
8	São Paulo	142.631	140.613	133.261	138.055	149.064	149.803	168.729	164.131	152.532	158.923
9	Flores da Cunha (RS)	90.460	41.910	103.300	107.450	23.150	94.600	117.550	96.290	120.060	116.075
10	Bahia	77.408	77.322	56.504	60.524	71.939	55.872	70.788	75.662	72.976	111.167
11	Lagoa Grande (PE)	51.600	81.012	75.000	61.500	79.200	46.340	76.610	72.850	106.140	109.800
12	Bento Gonçalves (RS)	104.200	54.906	116.427	86.316	86.478	69.166	127.395	72.537	94.170	65.092
13	Caxias do Sul (RS)	64.500	28.100	70.340	64.220	61.452	53.424	67.880	56.700	68.080	60.928
14	Juazeiro (BA)	39.400	39.400	32.000	33.500	43.282	33.303	47.986	50.710	47.489	59.819
15	Farroupilha (RS)	72.000	31.880	71.260	59.500	38.200	67.200	67.200	67.580	65.359	59.200
16	Casa Nova (BA)	36.000	36.000	23.000	25.400	26.870	20.320	20.726	22.800	23.240	46.731
17	Jundiá (SP)	17.827	17.827	19.500	19.500	27.000	27.000	27.000	27.000	27.000	45.000
18	Paraná	69.035	55.546	56.528	57.039	53.689	54.200	46.019	51.492	44.390	40.037
19	Santa Catarina	69.118	33.267	65.196	58.261	58.975	60.378	59.721	56.590	57.617	38.684
20	Garibaldi (RS)	50.920	21.133	59.750	46.300	46.330	35.000	51.199	39.699	46.781	36.231

FONTE: IBGE – Produção Agrícola Municipal.

Os dados demonstram duas fases distintas: retração da área plantada entre 2015 e 2020 e expansão contínua a partir de 2021. O Brasil reduziu a área cultivada de 78.026 hectares (2015) para 74.436 hectares (2020), principalmente em função da diminuição observada na Região Sul, afetada por baixa rentabilidade da uva industrial e por eventos climáticos extremos. A partir de 2021, contudo, o crescimento foi retomado, impulsionado pelo Vale do São Francisco.

O Nordeste passou de 9.842 hectares para 18.790 hectares no período analisado. Petrolina apresentou o crescimento mais expressivo, aumentando sua área de 4.642 hectares para 11.700 hectares. A expansão observada no Vale demonstra que o crescimento nacional pós-2021 está diretamente relacionado à viticultura irrigada do semiárido, que reúne estabilidade climática e alta tecnologia produtiva.

TABELA 2 – Área de Uva Plantada ou Destinada à Colheita (Hectares) no Brasil – 2015 a 2024.

RANKING	Brasil, Grande Região, Unidade da Federação e Município	Ano									
		2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
1	Brasil	78.026	77.299	75.968	74.480	74.852	74.436	75.730	76.099	78.625	84.429
2	Sul	59.050	58.287	56.711	54.820	54.264	53.762	53.870	53.939	54.210	54.900
3	Rio Grande do Sul	49.739	49.226	48.397	46.858	46.671	46.174	46.350	46.533	47.013	47.886
4	Nordeste	9.842	10.012	10.578	10.871	10.891	10.969	11.479	11.944	14.545	18.790
5	Pernambuco	6.814	6.974	8.437	8.745	8.806	8.763	8.838	9.237	11.829	15.179
6	Petrolina (PE)	4.642	4.802	6.000	6.250	6.300	6.290	6.250	6.450	8.500	11.700
7	Sudeste	8.814	8.699	8.456	8.541	9.444	9.473	10.156	9.956	9.616	10.464
8	São Paulo	7.803	7.699	7.348	7.238	8.023	8.019	8.639	8.462	8.070	8.864
9	Flores da Cunha (RS)	4.950	4.950	4.950	4.784	4.685	4.691	4.702	4.752	4.752	5.365
10	Bento Gonçalves (RS)	4.812	4.812	4.333	4.338	4.338	4.338	4.345	4.425	4.703	4.703
11	Caxias do Sul (RS)	3.900	3.900	3.850	3.760	3.760	3.760	3.760	3.760	3.760	3.760
12	Santa Catarina	4.846	4.737	4.426	4.016	3.955	3.942	3.937	3.901	3.815	3.745
13	Farroupilha (RS)	3.950	3.950	3.950	3.680	3.680	3.680	3.730	3.730	3.730	3.730
14	Bahia	2.861	2.858	1.961	1.962	1.926	2.043	2.486	2.564	2.587	3.492
15	Paraná	4.465	4.324	3.888	3.946	3.638	3.646	3.583	3.505	3.382	3.269
16	Jundiaí (SP)	1.300	1.300	1.300	1.300	1.800	1.800	1.800	1.800	1.800	3.000
17	Garibaldi (RS)	2.313	2.313	2.393	2.313	2.313	2.323	2.326	2.326	2.326	2.576
18	Lagoa Grande (PE)	1.290	1.290	1.500	1.550	1.550	1.550	1.630	1.850	2.440	2.500
19	Monte Belo do Sul (RS)	2.480	2.480	2.270	2.270	2.269	2.269	2.263	2.263	2.283	2.437
20	Juazeiro (BA)	1.576	1.576	1.150	1.100	1.078	1.125	1.580	1.636	1.626	1.983

FONTE: IBGE – Produção Agrícola Municipal.

Conforma a tabela 3, a análise dos dados de rendimento médio evidencia que o Vale do São Francisco possui as maiores produtividades do país. Petrolina se mantém na liderança nacional, com valores entre 34.995 kg/ha e 58.000 kg/ha ao longo da série histórica. Municípios vizinhos, como Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista e Orocó, também figuram entre os mais produtivos do país.

Em contraste, regiões de clima temperado, como Rio Grande do Sul e Santa Catarina, apresentam produtividades inferiores e elevada variabilidade anual, devido à maior exposição a estiagens, geadas e excesso de chuvas. A estabilidade produtiva do Vale está associada ao clima semiárido, manejo intensivo, irrigação tecnificada e

uso de variedades de alto rendimento, o que permite múltiplas colheitas anuais e maior regularidade da oferta.

TABELA 3 – Rendimento Médio da Uva em Quilogramas por Hectares no Brasil – 2015 a 2024.

RANKING	Brasil, Grande Região, Unidade da Federação e Município	Ano									
		2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
1	Petrolina (PE)	34.995	55.000	58.000	53.400	55.000	43.677	50.000	43.000	51.676	52.200
2	Pernambuco	34.835	52.831	54.557	48.758	51.792	42.150	47.579	42.451	48.536	49.757
3	Santa Maria da Boa Vista (PE)	34.843	34.843	45.538	46.414	42.342	41.714	45.000	42.000	42.440	47.561
4	Nordeste	32.319	44.889	49.098	45.080	48.781	38.951	43.082	39.044	44.674	46.236
5	Itaçu (GO)	-	-	-	-	-	-	-	14.000	30.000	45.000
6	Orocó (PE)	35.000	35.000	35.000	45.000	45.000	45.000	41.750	40.000	45.000	45.000
7	Lagoa Grande (PE)	40.000	62.800	50.000	39.677	51.097	42.710	47.000	47.000	43.500	43.920
8	Ituverava (SP)	42.000	33.000	42.000	27.500	43.333	43.333	40.500	42.333	41.333	43.333
9	Nazário (GO)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40.000
10	Itaberaí (GO)	39.444	36.000	-	40.000	37.333	33.118	33.118	20.412	31.000	40.000
11	Águas de Lindóia (SP)	-	41.250	150.000	150.000	150.000	150.000	150.000	150.000	5.000	40.000
12	Votuporanga (SP)	18.250	15.750	-	18.250	18.250	-	31.500	31.500	31.500	36.500
13	Bonito (PE)	-	-	-	-	-	-	-	-	30.000	36.000
14	Casa Nova (BA)	30.000	30.000	30.667	31.750	34.449	25.400	25.908	28.500	28.000	35.947
15	São Sebastião da Amoreira (PR)	18.000	19.000	19.000	19.000	19.000	19.000	35.000	35.000	33.348	35.238
16	General Câmara (RS)	21.600	14.400	18.810	11.500	20.000	16.000	20.000	32.000	24.533	35.000
17	Nova América da Colina (PR)	22.828	16.667	23.174	23.174	23.174	23.174	23.000	20.000	23.000	35.000
18	Nazaré da Mata (PE)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	35.000
19	Urânia (SP)	27.000	26.892	26.850	26.780	26.780	26.927	26.841	26.842	26.833	33.967
20	Bahia	27.056	27.055	28.829	30.848	37.352	27.348	28.475	29.509	28.209	31.835

FONTE: IBGE – Produção Agrícola Municipal.

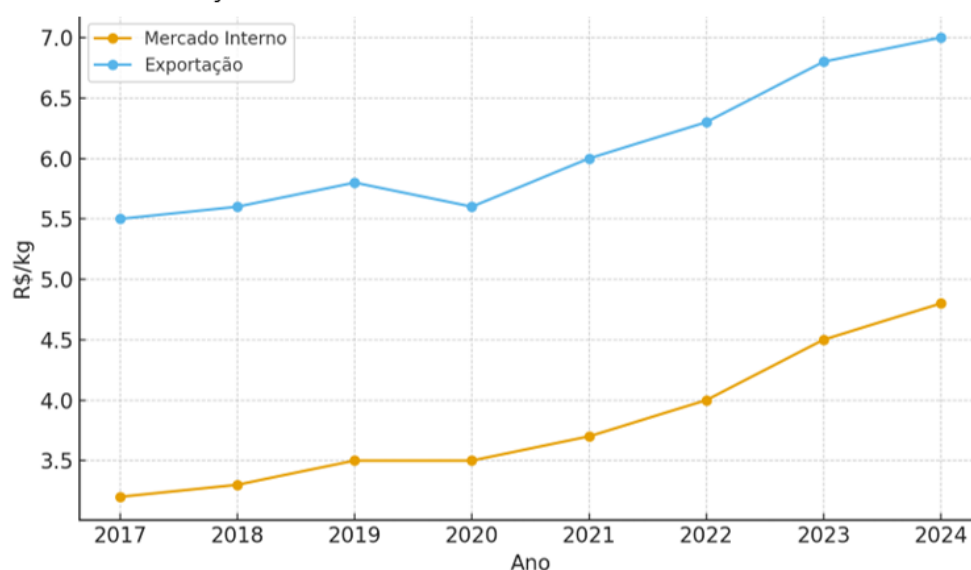
O gráfico 1 apresenta a evolução da produção nacional de uvas em comparação à produção concentrada no Vale do São Francisco entre os anos de 2017 e 2024. Verifica-se que a produção nacional apresentou oscilações, com ligeiras reduções nos anos de 2020 e 2022, atribuídas a condições climáticas adversas em regiões do Sul e Sudeste do país, como geadas e excesso de precipitação.

Por outro lado, o Vale do São Francisco manteve trajetória ascendente durante todo o período, evidenciando o papel da agricultura irrigada e da tecnologia de manejo na estabilidade produtiva. O uso de fertirrigação, monitoramento climático e múltiplas

colheitas anuais tem assegurado maior previsibilidade e constância de oferta, elementos fundamentais para a manutenção de contratos internacionais e o fortalecimento da competitividade regional.

GRÁFICO 1 – Produção Nacional de Uvas no Brasil e no Vale do São Francisco – 2017 a 2014.

GRÁFICO 3 – Preço Médio da Uva no Mercado Interno e Externo – 2017 a 2024



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de CEPEA (2023), EMBRAPA (2023) e ABRAFRUTAS (2023).

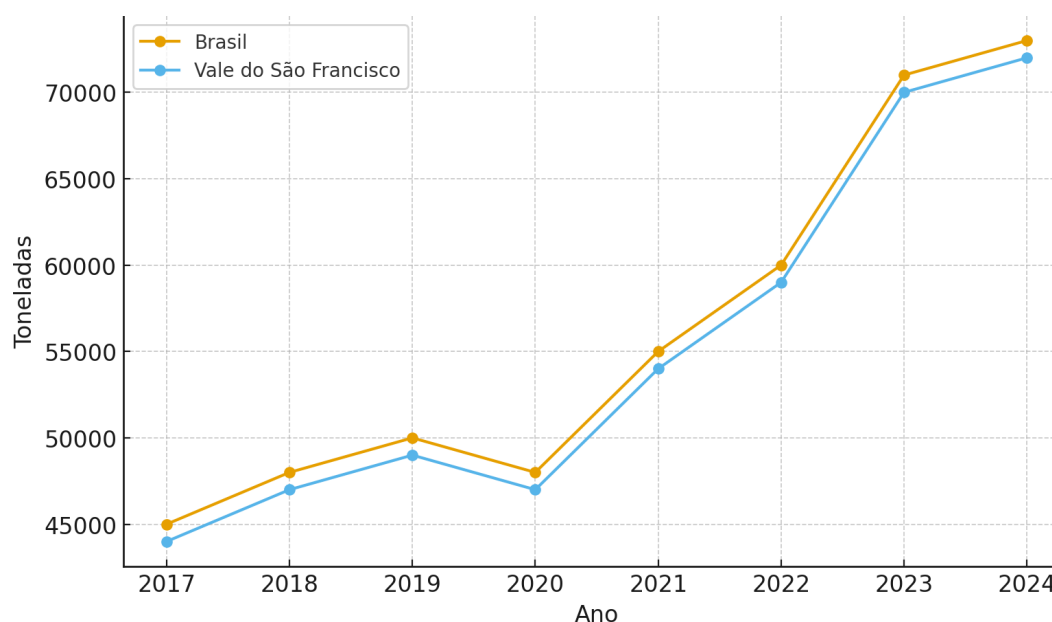
5.6 Exportações Brasileiras de Uvas (2017–2024)

O Gráfico 2 demonstra o comportamento das exportações brasileiras de uvas frescas entre 2017 e 2024. Observa-se um crescimento consistente no volume exportado, passando de aproximadamente 45 mil toneladas em 2017 para 73 mil toneladas em 2024, das quais mais de 98% tiveram origem no Vale do São Francisco.

Esse desempenho está diretamente relacionado à integração entre produtores, cooperativas e instituições de pesquisa, que fortaleceu a governança da cadeia e

ampliou o acesso a mercados internacionais. A valorização cambial após 2019 contribuiu para o aumento da rentabilidade das exportações, enquanto o aprimoramento das certificações fitossanitárias e socioambientais consolidou a imagem da fruticultura irrigada brasileira como um modelo de eficiência e sustentabilidade.

GRÁFICO 2 – Exportação Brasileira de Uvas – 2017 a 2024.



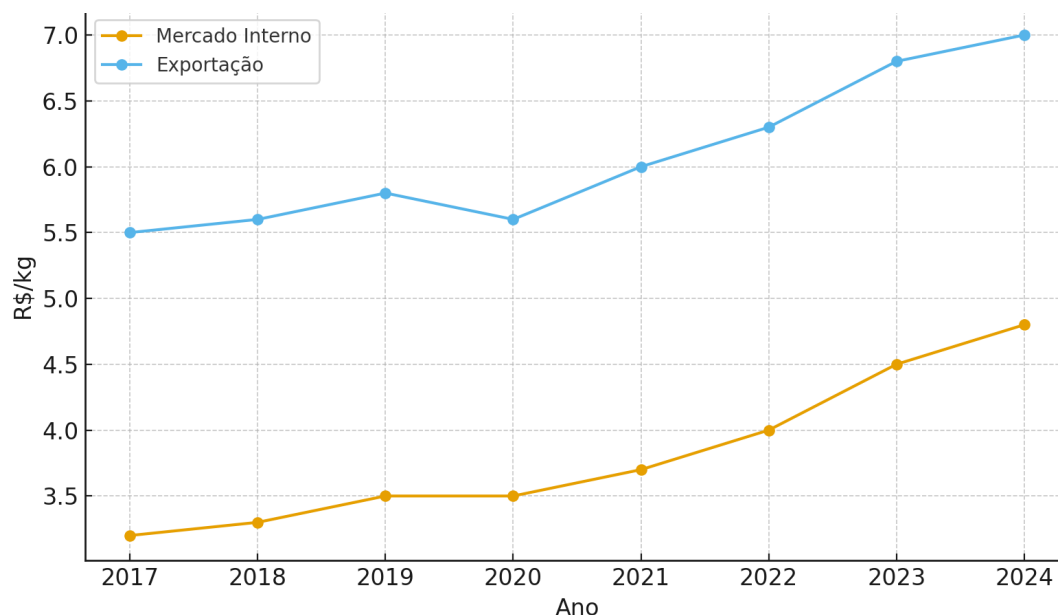
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de ABRAFRUTAS (2023), VALEXPORT (2022) e COMEXSTAT (2024).

5.7 Preços Médios: Mercado Interno x Exportação (2017–2024)

O Gráfico 3 compara a evolução dos preços médios pagos pela uva no mercado interno e nas exportações no período de 2017 a 2024. Em todo o intervalo analisado, observa-se que os valores obtidos nas exportações permaneceram superiores aos praticados no mercado doméstico, variando entre R\$ 5,50/kg e R\$ 7,00/kg, enquanto os preços internos oscilaram entre R\$ 3,20/kg e R\$ 4,80/kg.

Essa diferença evidencia a vantagem competitiva da exportação para os produtores do Vale do São Francisco, especialmente devido à valorização cambial e à maior valorização do produto em mercados de alto padrão, como a União Europeia e os Estados Unidos. Contudo, destaca-se que essa dependência do mercado externo impõe riscos relacionados à volatilidade cambial e às barreiras fitossanitárias, o que reforça a necessidade de estratégias de mitigação e diversificação de destinos comerciais.

GRÁFICO 3 – Preço Médio da Uva no Mercado Interno e Externo – 2017 a 2024



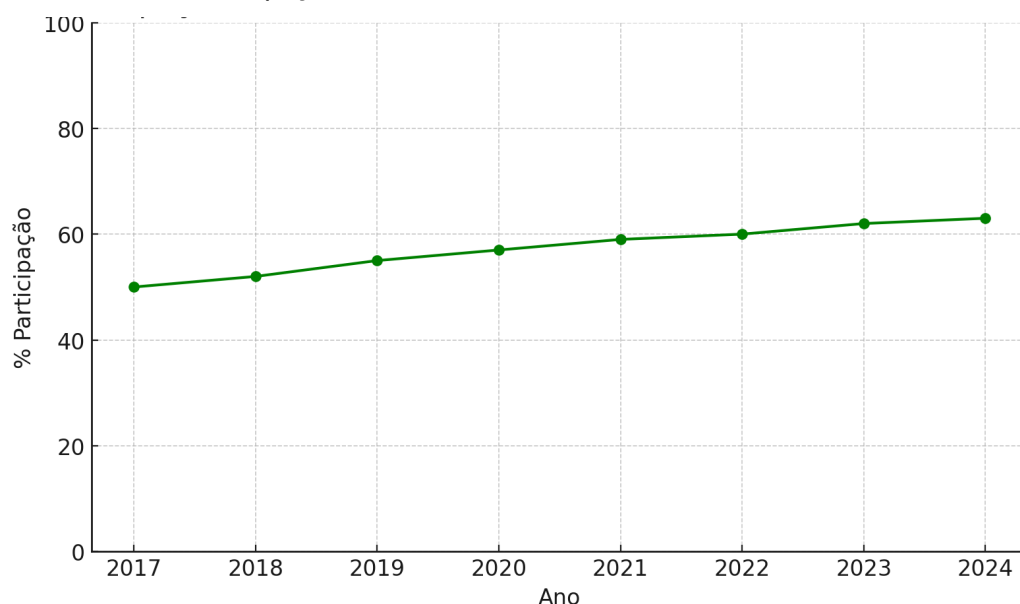
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de CEPEA (2023), EMBRAPA (2023) e ABRAFRUTAS (2023).

5.8 Mudança no Perfil de Consumo: Uvas Sem Sementes (2017–2024)

O gráfico 4 apresenta a evolução da participação das uvas sem sementes no mercado interno brasileiro entre 2017 e 2024. Nota-se um crescimento expressivo na participação dessa categoria, que passou de 50% em 2017 para 63% em 2024, refletindo uma tendência global de consumo de frutas de maior conveniência e valor agregado.

Esse avanço é resultado direto de investimentos em melhoramento genético, tecnologias de cultivo e parcerias público-privadas entre produtores e instituições como a EMBRAPA e universidades internacionais. Além disso, o fortalecimento do cooperativismo regional permitiu o acesso de pequenos e médios produtores a novas variedades e práticas de manejo, contribuindo para a consolidação do Vale do São Francisco como o principal polo de produção e exportação de uvas sem sementes do Brasil.

GRÁFICO 4 – Participação de Uvas sem Semente no Mercado Interno – 2017 a 2024



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de ABRAFRUTAS (2023), EMBRAPA (2023) e FAO (2022).

A análise dos resultados evidencia que a viticultura desenvolvida no Vale do São Francisco consolidou-se como um modelo de eficiência produtiva, tecnológica e organizacional, capaz de sustentar o crescimento da produção e das exportações mesmo em cenários de adversidades climáticas e econômicas. O comportamento consistente dos indicadores entre 2017 e 2024 demonstra que a região soube aliar inovação tecnológica, governança cooperativa e gestão de mercado para garantir competitividade tanto no mercado interno quanto no externo.

Os dados apresentados nos gráficos reforçam que o Vale do São Francisco atua como o principal eixo da viticultura tropical brasileira, responsável por mais de 95% das exportações de uvas do país. Essa expressiva participação reflete a eficiência do sistema de irrigação controlada, a adoção de práticas sustentáveis de manejo e a integração entre pesquisa e extensão rural, promovida por instituições como a EMBRAPA, universidades e cooperativas locais.

A valorização das uvas sem sementes e a expansão contínua das exportações evidenciam a capacidade de adaptação dos produtores às novas demandas de mercado e às tendências de consumo global. Paralelamente, o diferencial de preço obtido nas exportações confirma que o setor encontrou na internacionalização um caminho sólido de rentabilidade e reconhecimento da qualidade brasileira.

Entretanto, o estudo também indica a necessidade de enfrentamento de desafios estruturais e ambientais, especialmente no que se refere à dependência cambial, ao aumento dos custos de insumos importados e à exigência de certificações socioambientais cada vez mais rigorosas. Esses fatores apontam para a importância de políticas públicas e estratégias de inovação contínua voltadas à sustentabilidade econômica e ambiental da cadeia produtiva.

Dessa forma, pode-se concluir que a viticultura do Vale do São Francisco representa um exemplo de modernização agrícola no semiárido brasileiro, demonstrando que a combinação entre tecnologia, organização coletiva e inteligência de mercado pode transformar condições adversas em oportunidades de desenvolvimento regional sustentável.









5.9 Condicionantes estratégicos e perspectivas para o futuro da viticultura no Brasil.

De forma específica, quando é fomentado o roteiro da compreensão estratégica dos fatores que motivam e os limitadores de melhores resultados, é de extrema necessidade compreender a realidade interna e externa que a cadeia produtiva está inserida. Desta forma e seguindo os preceitos do planejamento estratégico, foi











possível elaborar uma matriz swot¹, contendo uma análise da realidade da cadeia produtiva da viticultura no Brasil e no Vale do São Francisco.

O quadro 1 revela um resumo bem estruturado da realidade do encadeamento produtivo da uva no Brasil, revelando ainda, necessidades de ajustes e um cenário futuro bastante promissor. No ambiente externo, os pontos fortes de maior destaque é a capacidade produtiva e o nível tecnológico no processo produtivo. Por outro lado, custo de produção e fragilidade na sustentabilidade ambiental, formam as principais fraquezas da cadeia produtiva da viticultura no Brasil. No que diz respeito ao ambiente externo, foi observado que a elevação da demanda por uva e produtos agroindustrializados obtidos a partir da uva, formam os principais indicadores de oportunidades para o mercado. As principais ameaças são motivadas pela volatilidade do cenário econômico nacional e internacional e as mudanças climáticas.

QUADRO 1 – Matriz Swot para a Viticultura Brasileira

AMBIENTE INTERNO	AMBIENTE EXTERNO
PONTOS FORTES	OPORTUNIDADE
<ul style="list-style-type: none">  Nível tecnológico incorporado no processo produtivo;  Capacidade produtiva: condições climáticas favoráveis, com destaque para a produtividade anual no vale do São Francisco.  Aumento do rendimento produtivo  Elevação da produção agroindustrial da uva: sucos, vinhos e uvas passas; 	<ul style="list-style-type: none">  Demanda Crescente do mercado nacional e internacional de uva in natura;  Expansão da demanda de produtos agroindustriais: vinho, suco de uva e uvas passas;  Turismo rural e enoturismo em franco crescimento;  Desenvolvimento de novas cultivares mais adaptadas; e

¹ A análise da matriz SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats*), que significa força, fraqueza, oportunidade e ameaça, é um roteiro utilizado para o desenvolvimento do planejamento e ações estratégicas para todo e qualquer tipo de instituição e/ou empresa.

 Fortalecimento logístico da cadeia produtiva: mercado interno e externo.	 Certificações e indicação geográficas.
PONTOS FRACOS	AMEAÇAS
 Custos elevados de implantação e manejo da cultura, com destaque para agroquímicos;  Ações cooperadas ainda limitadas;  Alto uso de insumos para controle fitossanitário; e  Sustentabilidade ambiental da produção de uva.	 Mudanças climáticas;  Concorrência internacional;  Pragas e doenças; e  Volatilidade do cenário econômico nacional e internacional: câmbio, inflação, tarifas protecionistas.

Fonte: Elaborada pela autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a evolução produtiva, econômica e tecnológica da viticultura no Vale do São Francisco no período de 2017 a 2024, destacando os fatores que sustentam sua competitividade no cenário nacional e internacional. A partir da análise de dados secundários provenientes de fontes institucionais reconhecidas, como ABRAFRUTAS, EMBRAPA, CEPEA, COMEXSTAT, VALEXPORT e FAO, foi possível identificar um processo contínuo de expansão e consolidação do setor viticultura na região.

Os resultados indicam que o Vale do São Francisco consolidou-se como o principal polo de produção e exportação de uvas do Brasil, respondendo por mais de 95% das exportações nacionais de uvas de mesa (ABRAFRUTAS, 2023). Esse protagonismo decorre da eficiência dos sistemas de irrigação e fertirrigação, do uso racional da água, da adoção de cultivares adaptadas ao semiárido e da forte integração entre pesquisa, produtores e cooperativas. Esses elementos conferem à região vantagem competitiva sustentável, caracterizada pela possibilidade de múltiplas colheitas anuais e pela regularidade na oferta, mesmo em períodos de adversidades climáticas em outras regiões produtoras do país.

A inovação tecnológica destacou-se como um dos principais vetores do avanço produtivo e econômico, permitindo padronização da qualidade, rastreabilidade e certificação — fatores essenciais para o acesso a mercados internacionais exigentes, como a União Europeia e os Estados Unidos. Paralelamente, o cooperativismo tem exercido papel fundamental na inclusão produtiva de pequenos e médios viticultores, ao promover negociação coletiva, capacitação técnica, acesso a insumos e certificações e economias de escala, fortalecendo a governança territorial da cadeia.

Outro aspecto relevante evidenciado foi o crescimento das exportações e da rentabilidade do setor, impulsionado pela diferença de preços entre o mercado interno e o externo — este último apresentando valores até 40% superiores no período analisado (CEPEA, 2024; COMEXSTAT, 2024). Essa valorização consolidou a estratégia exportadora como principal eixo de rentabilidade da viticultura regional. Ao mesmo tempo, a expansão das uvas sem sementes, que atingiu cerca de 63% do mercado interno em 2024, reflete a adaptação dos produtores às tendências globais de consumo, marcadas por conveniência, qualidade e sustentabilidade.

Entretanto, persistem desafios estruturais e conjunturais. A dependência de insumos importados, a volatilidade cambial, as exigências por certificações socioambientais e os efeitos das mudanças climáticas configuram riscos que exigem planejamento estratégico, inovação tecnológica contínua e políticas públicas de apoio. A diversificação de mercados e a ampliação do crédito rural sustentável são medidas essenciais para manter a resiliência econômica e ambiental do setor no longo prazo.

Conclui-se, portanto, que a viticultura do Vale do São Francisco representa um modelo de sucesso da agricultura irrigada tropical, integrando eficiência produtiva, inovação tecnológica e inclusão social. O arranjo produtivo regional não apenas fortalece a economia local e nacional, como também projeta o Brasil no cenário internacional como referência em fruticultura de alta qualidade e sustentabilidade. Assim, o setor viticultura do Vale do São Francisco consolida-se como um exemplo de desenvolvimento sustentável no semiárido brasileiro, no qual a ciência, a gestão e a cooperação se convertem em instrumentos de prosperidade, competitividade e transformação territorial.

REFERÊNCIAS

- ABRAFRUTAS – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES EXPORTADORES DE FRUTAS. *RELATÓRIO ANUAL 2023*. BRASÍLIA: ABRAFRUTAS, 2023. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://ABRAFRUTAS.ORG/](https://abrafrutas.org/). ACESSO EM: 2 NOV. 2025.
- ALBUQUERQUE, T. C. S.; SOARES, J. M.; ET AL. *AVANÇOS E SUCESSOS DA PRODUÇÃO INTEGRADA DE UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO*. PETROLINA: EMBRAPA SEMIÁRIDO, 2021. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.EMBRAPA.BR/BUSCA-DE-PUBLICACOES/-/PUBLICACAO/575820/AVANCOS-E-SUCESSOS-DA-PRODUCAO-INTEGRADA-DE-UVA-NO-VALE-DO-SAO-FRANCISCO](https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/575820/avancos-e-sucessos-da-producao-integrada-de-uva-no-va-le-do-sao-francisco).
- CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. *HORTIFRUTI BRASIL*. PIRACICABA: ESALQ/USP, 2023. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.CEPEA.ESALQ.USP.BR/](https://www.cepea.esalq.usp.br/). ACESSO EM: 2 NOV. 2025.
- CODEVASF – COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E DO PARNAÍBA. *INFORMAÇÕES TERRITORIAIS E PRODUTIVAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO*. BRASÍLIA: CODEVASF, ANO. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.CODEVASF.GOV.BR/](https://www.codevasf.gov.br/).
- EMBRAPA. *OBSERVATÓRIO DA UVA – ESTATÍSTICAS DA VITICULTURA BRASILEIRA*. BENTO GONÇALVES: EMBRAPA UVA E VINHO, 2023. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.EMBRAPA.BR/UVA-E-VINHO/OBSERVATORIO](https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/observatorio).
- COMEXSTAT. *SISTEMA DE ESTATÍSTICAS DE COMÉRCIO EXTERIOR*. BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2024. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://COMEXSTAT.MDIC.GOV.BR/](https://comexstat.mdic.gov.br/). ACESSO EM: 2 NOV. 2025.
- EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. *OBSERVATÓRIO DA UVA DO VALE DO SÃO FRANCISCO*. PETROLINA: EMBRAPA SEMIÁRIDO, 2023. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.EMBRAPA.BR/SEMIARIDO](https://www.embrapa.br/semiarido). ACESSO EM: 2 NOV. 2025.
- FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. *GRAPE MARKET REVIEW 2022*. ROME: FAO, 2022. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.FAO.ORG](https://www.fao.org). ACESSO EM: 2 NOV. 2025.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *PESQUISA AGRÍCOLA MUNICIPAL – PRODUÇÃO DE UVA POR MUNICÍPIO (PAM)*. RIO DE JANEIRO: IBGE, 2015–2024. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://SIDRA.IBGE.GOV.BR/](https://sidra.ibge.gov.br/).
- MEDEIROS, A. L.; LIMA, P. R. TECNOLOGIAS DE IRRIGAÇÃO E MANEJO SUSTENTÁVEL NO SEMIÁRIDO PERNAMBUCANO. *REVISTA BRASILEIRA DE FRUTICULTURA*, V. 44, N. 2, P. 1–12, 2022. DOI: 10.1590/0100-29452022200.

PEREIRA, D. F.; SOUZA, J. M. COOPERATIVISMO E INCLUSÃO PRODUTIVA NA FRUTICULTURA IRRIGADA DO VALE DO SÃO FRANCISCO. *REVISTA AGRONORDESTE*, v. 15, n. 3, p. 45–58, 2021.

SILVA, J. P. ET AL. PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS E INOVAÇÃO NA VITIVINICULTURA TROPICAL BRASILEIRA. *EMBRAPA SEMIÁRIDO*, PETROLINA, 2023.

SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DE PERNAMBUCO (SECTI). *TERRITÓRIOS INOVADORES DE PERNAMBUCO: VALE DO SÃO FRANCISCO*. RECIFE: SECTI, 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.SECTI.PE.GOV.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2018/12/TERRITORIOS%20INOVADORES%20DE%20PERNAMBUCO%20-%20VALE%20DO%20SAO%20FRANCISCO%2026.12.2018.PDF](https://www.secti.pe.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/TERRITORIOS%20INOVADORES%20DE%20PERNAMBUCO%20-%20VALE%20DO%20SAO%20FRANCISCO%2026.12.2018.PDF).

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA (SNA). *VITICULTURA: 95% DA UVA DE MESA EXPORTADA PELO BRASIL SAI DO VALE DO SÃO FRANCISCO*. RIO DE JANEIRO: SNA, 2023. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://SNA.AGR.BR/VITICULTURA-95-DE-TODA-A-UVA-DE-MESA-EXPORTADA-PELO-BRASIL-SAI-DO-VALE-DO-SAO-FRANCISCO/](https://sna.agr.br/viticultura-95-de-toda-a-uva-de-mesa-exportada-pelo-brasil-sai-do-vale-do-sao-francisco/). ACESSO EM: DIA MÊS ANO.

VALEEXPORT – ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES E EXPORTADORES DE HORTIFRUTIGRANJEIROS E DERIVADOS DO VALE DO SÃO FRANCISCO. *RELATÓRIO TÉCNICO: DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES FRUTÍCOLAS 2022*. PETROLINA: VALEEXPORT, 2022. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.VALEEXPORT.COM.BR/](https://www.valexport.com.br/). ACESSO EM: 2 NOV. 2025.